

O grande medo de 1989

Glaucia Fraccaro

Há muito, na história do Brasil, o medo faz parte do imaginário das elites. Ao menos desde o século 19, o temor de que uma insurreição popular resolvesse a independência e o fim da escravidão sempre acompanhou as análises das classes dominantes. E não era sem motivo, já que, em outros lugares da América, o rompimento com a metrópole e o fim do cativeiro foram resolvidos na ponta da baioneta. Seria intrigante se o imaginário dessas elites tivesse mudado com a República e atingido nossos dias. É também disso que trata Wladimir Pomar em *Quase Lá*. Em 2009, o livro ganha sua terceira edição para celebrar os vinte anos do grande susto das elites com a ideia de que “o metalúrgico barbudo poderia tornar-se presidente”.

Trata-se de uma narrativa detalhada sobre as eleições presidenciais de 1989, das quais o autor participou como coordenador nacional da campanha Lula Presidente. O momento histórico já era peculiar – pela primeira vez depois da ditadura militar se realizavam eleições diretas para presidente do país e um dos candidatos ao cargo era o líder do Partido dos Trabalhadores, que, anos antes, já havia atemorizado patrões na região do ABC. Pomar conta

a história da campanha de 1989 com os pés lá, ainda em 1990, no calor da hora. Os primeiros sinais da possibilidade real de Lula chegar à Presidência já apareceram no começo da campanha e significaram ameaça ao “secular domínio exercido sobre a vida do Brasil pelos donos do dinheiro, das terras, da produção e do saber”. O medo da vitória das classes populares dividiu as elites, o *Império*, para Pomar, em três tipos de temor; havia “os apavorados”, liderados por empresários que ameaçavam abandonar o país no caso da vitória do operário, os que sofriam de “síndrome do populismo” e acreditavam que Lula aumentaria salários e congelaria preços por decreto e, por último, os acometidos de “síndrome de obscurantismo”, ou seja, os que esperavam a renegociação compulsória da dívida externa e o fim das privatizações.

Todos os temores atuaram contra a candidatura de Lula durante os meses da campanha presidencial em 1989 e Pomar relata que, além da pressão das elites, a descrença interna era outro elemento a ser cuidado. De um lado, havia o sentimento de que talvez o PT ainda não estivesse preparado tecnicamente para os problemas da governabilidade e, de ou-

tro, os que acreditavam que o partido era bom demais na oposição para se ausentar desse papel. E mais, estava posta a tarefa de extrapolar as fronteiras de São Paulo e formular uma política de alianças de acordo com as diretrizes do PT. Nada disso se desdobrou sem danos, mas também com resultados impressionantes, como a elaboração de um programa de governo, os *13 Pontos*, que, além de se tornar referência para a campanha e para o partido, polarizava com o projeto liberal da trupe de Roberto Campos.

A cada resposta da campanha aos obstáculos postos por seus adversários, o temor das elites se acirrava. Recuperar o medo como dimensão histórica não é tarefa fácil, já que ele aparece apenas de viés nos documentos, mas está por todo lado em *Quase Lá*, resgatado por Wladimir Pomar. As ações desencadeadas pelo medo geram outras inesperadas, e é por isso que as elites, quando temem a organização das classes populares, ao mesmo tempo justificam a violência que se aplica para transformar a ordem e manter seus domínios. Não é à toa que o autor se refere à reação dos adversários de Lula, que consistia na criação de falsas acusações e muitas



Quase Lá – Lula, o Susto das Elites, de Wladimir Pomar. Página 13, 3ª edição, 2009. (Também disponível para *download*)

mentiras como a “mais estridente, facciosa, suja e caluniosa campanha a que já se assistiu na história dos meios de comunicação no Brasil”.

Ainda nas palavras de Pomar, a derrota nas urnas não foi obstáculo para a vitória política conquistada pelo PT em 1989, que pela primeira vez havia organizado a militância nacionalmente e derrubado mitos arraigados no eleitorado desde a ditadura militar. Entretanto, a estratégia que marcaria para sempre o partido foi combater o medo propagado pelas elites – e até hoje o Partido dos Trabalhadores não fugiu a essa luta.

Glaucia Fraccaro é mestre em História Social pela Unicamp e assistente técnica do Centro Sérgio Buarque de Holanda da FPA